

Carta para Conceição¹

Carta para Conceição

Letter for Conceição

Constância Lima Duarte

Resumo: Este texto – que tem o formato de uma carta dirigida à Conceição Evaristo – surgiu após a leitura de *Cartas negras*, publicação distribuída durante a Ocupação Conceição Evaristo, promovida pelo Itaú Cultural e Ministério da Cultura em São Paulo, em 2017. Após comparar as *Cartas negras* com as *Cartas portuguesas* (1669), de Mariana Alcoforado, e *As novas cartas portuguesas* (1972), das “três Marias” – Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno – reflito sobre os conceitos de sororidade, carta-manifesto e feminismo.

Palavras-chave: Conceição Evaristo. *Cartas Negras*. Sororidade.

Resumen: Este texto – que tiene el formato de una carta dirigida a la Conceição Evaristo – surgió después de la lectura de *Cartas Negras*, publicación distribuida durante la Ocupación Conceição Evaristo, promovida por el Itaú Cultural y el Ministerio de Cultura en São Paulo, en 2017. Después de comparar las *Cartas Negras* con las *Cartas portuguesas* (1669), de Mariana Alcoforado, y *Las nuevas cartas portuguesas* (1972), de las “tres Marías” – María Teresa Huerta, Maria Velho da Costa y María Isabel Barreno – reflexiono sobre los conceptos de sororidad, la carta-manifiesto, y el feminismo.

Palabras clave: Conceição Evaristo. *Cartas Negras*. Sororidad.

Abstract: This text – that is shaped like a letter addressed to Conceição Evaristo – came to light after the reading of *Cartas negras*, a publication distributed during the Conceição Evaristo Occupation, promoted by the Itaú Cultural and the Ministry of Culture in São Paulo, in 2017. After comparing *Cartas negras* with Mariana Alcoforado’s *Cartas portuguesas* (1669) and *As novas cartas portuguesas* (1972) of the “three Marias” – Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno – a reflection is made on the concepts of sorority, manifest letter and feminism.

Keywords: Conceição Evaristo. *Cartas Negras* (Black Letters). Sisterhood.

¹ Texto apresentado durante o I Encontro Internacional “Escritas do Corpo Feminino”, promovido pela UFRJ, de 17 a 19 de abril de 2018.

Constância Lima Duarte – Graduada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (1973), mestrado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1980), e doutorado em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (1991). Pesquisadora junto ao NEIA - Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade, ao Centro de Estudos Literários e Culturais, da UFMG. E-mail: constanciaduarte@gmail.com

Querida Conceição,

Acho que comecei a escrever esta carta no dia que em conheci as *Cartas negras*, em São Paulo. Também sou do tempo em que se escrevia cartas para romper o isolamento, a distância, na busca de se construir pontes entre corações e mentes...

Além delas, também os diários foram uma prática utilizada pelas mulheres para expor livremente sua intimidade, expressar as angústias, enquanto exercitavam a linguagem, o autoconhecimento e descobriam os segredos da arte literária. Provavelmente por isso tais gêneros – epistolografia, diários e memórias – foram logo considerados “escritas marginais” pelos críticos mais ortodoxos. A elevação deste gênero em objeto de estudos acadêmicos, que buscam os meandros do fazer literário dos escritores e esmiúçam o indiscutível veio autobiográfico nele presente, é relativamente recente. No caso das mulheres, a carta adquiriu um sentido ainda mais específico por se tornar depositário fragmentado de memórias, e se constituir em estratégia de resistência e fuga diante da sociedade patriarcal.

Suas *Cartas negras* me remeteram a outras que também ganharam a esfera pública, rompendo os limites do privado. Por exemplo, as famosas *Cartas portuguesas*, de 1669, da freira Mariana Alcoforado, que as escreveu para alardear aos quatro ventos seu amor pelo oficial francês e denunciar os condicionamentos em que vivia. E também as *Novas cartas portuguesas*, de 1972, das “três Marias” – Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa e Maria Isabel Barreno – que tomaram como mote a sofrida história da antepassada, e denunciaram que as mulheres portuguesas viviam, ainda na década de 1970, tão submissas e expostas à vontade masculina, quanto a infeliz religiosa setecentista.

A história deste livro é bem conhecida, pois *Novas cartas portuguesas* tornou-se um marco histórico na denúncia da subalternidade secular das mulheres, e das injustiças decorrentes do regime ditatorial português. Ao questionar a mística criada em torno do “segundo sexo”, o livro antecipa uma das bandeiras do movimento feminista que ressurgia naquele momento, ao afirmar que “o pessoal é político”. Como era previsível, a obra foi apreendida, as autoras acusadas de atentado ao pudor, e literalmente enclausuradas por ordem de uma elite preconceituosa e moralista.

Querida Conceição, a referência às *Cartas portuguesas* foi meu gancho para falar das *Cartas negras*. Em ambas, eu vejo o apelo à aliança entre as mulheres para que, juntas, alcancem objetivos comuns. Ou seja: as duas coletâneas tratam da urgente e necessária proposta de se estabelecer uma rede de sororidade, como forma de fortalecer a irmandade no coletivo. Aliás, este conceito – sororidade – esteve sempre presente em toda manifestação feminista, desde o século XIX, devendo inclusive ser considerado um dos principais pilares do movimento de igualdade entre os gêneros.

Sororidade, lembro, vem do latim *sóror*, que significa “irmã”, e é a versão feminina de “fraternidade”, que por sua vez se origina de *frater*, “irmão”. Ou seja, é a sororidade que permitirá que um dia consigamos romper velhos estereótipos, inclusive o equívoco que nos fizeram acreditar – por séculos! – que as mulheres deveriam ser inimigas entre si, uma vez que disputavam o mesmo troféu... Hoje, quando batemos no peito para dizer “mexeu com uma mexeu com todas”, ou usamos as redes sociais para declarar nosso apoio a qualquer mulher que sofre violência, estamos simplesmente exercitando sororidade.

Penso, Conceição, que ambas as publicações – *Novas cartas portuguesas* e *Cartas negras* – se configuram como cartas-manifesto, ao serem, cada uma a seu modo, portadoras de uma visão de mundo e de um lugar de fala – tópico tão presente no feminismo dialógico contemporâneo. E mais, por estarem refletindo sobre a condição presente das signatárias, que remete ao passado tanto in-

dividual como coletivo, ao serem publicadas, miram o futuro. Assim como Soror Mariana e as três Marias portuguesas, você transcende os limites impostos à missiva, deixando o destinatário privado para se abrir em público e se tornar manifesto.

Mas se estes são os pontos comuns, outros as diferenciam. Enquanto *Novas cartas portuguesas* denuncia as lentas mudanças que ocorriam na vida das mulheres, a permanência da desigualdade, e a manutenção dos fundamentalismos patriarcais, *Cartas negras* dá um salto, ao articular a questão de gênero com a questão étnica e denunciar que o político é também pessoal. Não se trata agora de falar da problemática feminina no geral, mas em especial a da mulher negra, que sofreu e sofre discriminações específicas.

Quando você propôs ao grupo de amigas escritoras, em 1991, trocarem cartas entre si, estava propondo também a união para que, juntas, enfrentassem as adversidades comuns a toda escritora, mas que pesavam especialmente sobre a autora negra. O grupo foi primeiro constituído por Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro, Lia Vieira e Sônia Fátima da Conceição, além de você – todas jovens autoras, sem livros individuais, e colaboradoras do *Cadernos negros*, do Grupo Quilombhoje. Inconscientemente, talvez, estivessem se fortalecendo diante do coletivo maior e masculino, criando um quilombo dentro do quilombo. Um quilombo feminino.

Na sua primeira carta está registrada a emoção do encontro e a promessa dos futuros reencontros literários:

No caminho regresso, meu coração violento rolava asfalto. Trago lembranças que engravidam a minha memória. Desarrumo as malas. Algumas roupas eu jogo no tanque para mofarem ao sabor do tempo. Outras hão de mofar esperanças íntimas que me latejam no útero às pontas do dedo. [...]

E do encontro do final de semana, ficou a feitura de nosso tempo moldado solenemente por nossos desejos e mãos femininas. Brotou a semente que regaremos em cartas. Ah! Ainda bem que escrevemos.... Nossas letras, nossas palavras sairão tingidas pelo sangue que de nós jorra e amalgamadas ao nosso suor. (“Amiga”, 1ª carta de CE para o projeto *Cartas Negras*, 1991)

Em outra, você cobra das amigas o compromisso assumido em casa de Miriam Alves, que aos poucos ia sendo esquecido:

Amiga, você se lembra do momento primeiro da fecundação de *Cartas*? Um acasalamento em grupo de vozes-mulheres. Nossas vozes. [...] ao sabor de um encontro regado com nossos risos, nossa euforia e teimosia em crer em nós mesmas. Gestamos tudo, escreveríamos cartas umas às outras. As cartas circulariam entre nós... [...]

Por que interrompemos nossas águas, ora mansas, ora revoltas, correndo o risco de nos entregar à secura? Por que abafamos nossas chamas, nosso calor íntimo, se podemos trocar entre nós o agasalho, o aconchego, o alimento, antes de sucumbirmos tísicas de carinho? (*Cartas Negras*, s/p)

O corpo negro, a escrita negra, tudo estava ali já posto, pois desde sempre Conceição Evaristo não ocultou o lugar de onde fala/escreve: é uma mulher negra, de origem humilde, consciente e militante.

(Abro um parêntese: Ana Cristina César afirmou em um de seus ensaios que “mulher raramente deixa de escrever como mulher”. E eu acrescentaria: assim como o homem. Mas se essa questão causa arrepios em tantas escritoras isso se deve ao preconceito cristalizado em torno da palavra “feminina”, que ganhou uma conotação pejorativa e secundária, e elas receiam ver seus escritos estigmatizados se assim forem identificados. O que não é verdade. Há inúmeros exemplos de escritoras bem sucedidas que desmentem esta assertiva. Jane Austen, Toni Morrison, Maria Teresa Horta, Clarice Lispector, Lygia Fagundes Telles e você, Conceição, por exemplo, em momento algum deixaram de fora de seus escritos a perspectiva de suas vivências enquanto mulheres.

Se as escritoras ficaram invisíveis em nossa história literária, isso se deve ao corporativismo masculino que durante muito tempo ignorou e menosprezou a produção de autoria feminina. Se as autoras brancas enfrentaram tantos vícios patriarcais quando deixaram de ser leitoras e se tornaram autoras; no caso das negras os obstáculos foram ainda maiores. Daí a urgência do fortalecimento de um feminismo negro, que se diferencia por defender as demandas relativas à mulher negra. Historicamente, o movimento feminista privilegiou as pautas de mulheres brancas, heterossexuais, da classe média e alta, e universalizou a categoria mulher como se todas sofressem o mesmo tipo de opressão. E não é bem assim, sabemos. A única verdade é que toda mulher, independente da etnia, sexualidade e classe social sofre com o machismo, com a misoginia, com o falocentrismo – os pilares mestres do patriarcado. Daí o feminismo em sua vertente mais contemporânea considerar não só a condição de gênero, mas também a étnica, a de classe e a orientação sexual, entre outras.) Fecho o parêntese e retomo minha carta.

Anos mais tarde, minha amiga, ao retomar o antigo projeto, sua poderosa rede amorosa alcançou outras escritoras, como Ana Cruz, Ana Maria Gonçalves, Cristiane Sobral, Débora Garcia, Elizandra Souza, Geni Guimarães, Jeniffer Nascimento, Livia Natália e Mel Adún, que prontamente atenderam ao chamado da irmã maior. Como uma *griotte*, que preserva as histórias e canções de seu povo, para mantê-lo forte e unido, você nunca perde de vista o coletivo, mesmo que usufrua, nesse momento, de destaque nas letras nacionais, com prêmios, traduções e homenagens vindas de todos os lados.

Gostaria de comentar alguns trechos das respostas que você recebeu:

Da poeta Ana Cruz: “Como sempre, suas palavras continuam apontando diferentes caminhos e nos possibilitando construir inúmeras reflexões sobre nossa vida e sobre nosso lugar neste mundo, como mulheres negras na luta por diferente protagonismo.”

Ana Maria Gonçalves, premiada autora de *Um defeito de cor*, lembra “a capacidade incrível de transmutação que os corpos negros, quando juntos, parecem resgatar de uma tradição que atravessa o tempo, que atravessou outros corpos, que nos atravessa, que nos remete para o futuro”.

Cristiane Sobral também é firme em sua militância: “Ninguém que tem o passado sob seus pés está só. [...]. Estejamos cada vez mais vivas e combatentes em nossos corpos, na capacidade de insistir além dos decretos de derrota e de invisibilidade, das máscaras estereotipadas secularmente”.

Débora Garcia observa com muita propriedade que, “Antes de sermos escritoras, somos mulheres negras, trabalhadoras”.

E também Elizandra Souza, do grupo Jovens Mulheres Negras em Ação, ao escrever: “A invisibilidade insiste em nos enterrar vivas em deslembanças. [...] Sinto a mesma necessidade de estarmos juntas”.

Esmeralda Ribeiro, do Quilombhoje, também se manifestou: “Queria ter asas; asas libertárias para instituir na nossa escrita a palavra “corpo negro”, seria o meu jeito de feminizar a escrita”.

Da querida Geni Guimarães são estas palavras: “Preciso das irmãs adotivas com as quais dividi vontades, sonhos e desejos de fazer uma revolução, abolição concreta, como sempre difícil e dolorida”.

Jeniffer Nascimento, também atriz e cantora, escreveu em sua carta: “Fui tocada pelo chamado de *Cartas negras* e tomada por sentimentos agudos aos quais ainda não consigo nomear. [...] estar irmanadas nos dá fôlego e nos impulsiona a atravessar fronteiras inimagináveis”.

Já Lívia Natália afirmou lindamente que “o chão que meus pés pisavam vinha amansado pelas escritoras negras que me antecederam. [...] Acredito que escrevemos para sobreviver ao mundo e para eternizar, nas nossas vozes, as falas das mulheres silenciadas que nos antecederam”.

Mel Adún, a baiana que nasceu em Washington, confessou: “A carta nos motiva a abrir, mostrar, entregar. [...]. Mandei muitas cartas para muitos vocês. E, a cada carta escrita, antes mesmo da resposta, eu me sentia um pouco curada. Um pouco tratada. Um pouco amparada. Ressuscitada a cada envelope selado”.

Por fim, Miriam Alves, poeta e ficcionista, assim se manifestou: “Uma certeza tenho, amiga: apesar de as missivas cessarem, aquele nosso encontro tecido há anos nas entranhas do tempo mudou nossa vida, nos deixou leves e mais decididas no nosso ato de escrever. [...]. Volto com sorriso no rosto e lágrimas nos olhos, abro os braços para agasalhar e ser agasalhada por você, amiga, e por todas as outras amigas destas nossas *Cartas negras*. ”.

Assim, cada uma a seu modo, as escritoras se revelaram afinadas com o chamado e a proposta de irmandade, ainda que cada uma mantenha seu próprio espaço no mundo literário.

Sei que já me alonguei e preciso terminar esta carta.

Querida Conceição, ao me despedir, gostaria ainda de agradecer por você ter incluído, entre as *Cartas negras*, as preciosas páginas do “Caderno de Dona Joana”. À primeira vista podem até parecer poucas, mas tal é a emoção que elas provocam que o número se avoluma a perder de vista. Cada página representa um pungente documento de vida atravessada pela pobreza e pela resiliência. Dona Joana com certeza também foi uma insubmissa, e sua herança é essa escritora vitoriosa.

Fico por aqui.

Axé, minha irmã! Até qualquer dia.

REFERÊNCIAS

CARTAS NEGRAS. Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/>>

DUARTE, Constância Lima. Luzes portuguesas na caverna do patriarcado brasileiro. In.: *Anuário de Literatura*. Florianópolis, UFSC, v.18, n. esp. 1, 2013. P.89-98.

EVARISTO, Conceição. *Cartas negras*. São Paulo: Ocupação Conceição Evaristo; Itaú Cultural, 2017.